

Capital exhibe cicatrizes

730
DÍLI, TIMOR LESTE – Casas destruídas, ruas sem asfalto e com bueiros a céu aberto, enquanto as pessoas parecem ignorar os problemas. É o retrato de Díli, a capital de Timor Leste, território dominado durante 25 anos pelos indonésios. Pouco mais de um ano depois de definida a autodeterminação, os sinais de destruição ainda estão presentes nas ruas e na vida dos timorenses.

A capital tem apenas um hospital, coordenado pela ONU, responsável também pela manutenção da ordem e da segurança por meio das Forças de Paz, formadas por militares de vários países, inclusive o Brasil. Não há dados oficiais sobre o futuro país, pois nos últimos anos não foram realizadas pesquisas. Estima-se que 90% da população sejam analfabetos e que apenas 40% dos 800 mil habitantes tenham alguma noção da língua portuguesa, que será instituída como idioma oficial.

A diária de uma pensão sai a US\$ 80, enquanto um café da manhã simples pode custar até US\$ 8. Sem opções, a alimentação é mínima, baseada em peixe e frutas como banana, abacate e laranja. São poucas as lojas e o comércio é feito nas ruas, em barracas de madeira armadas nas calçadas e feiras.

Galos – Apesar das dificuldades, não há miséria em Timor Leste, pelo menos visível, nem mendigos. O número de assaltos é mínimo, sendo que os problemas policiais são causados em sua maioria pelas brigas de galo, chamadas de rinhas: o perdedor costuma atear fogo na casa do adversário que o derrotou.

O pequeno território de Timor

Leste, a parte oriental da ilha de Timor, é equivalente ao estado de Sergipe e tem sua história marcada pela dominação por Portugal e pela Indonésia. Os cerca de 800 mil habitantes jamais viveram sob sistema democrático e só votaram uma vez na vida; em 1999, quando foi realizado o referendo popular para decidir se o território seria independente ou continuaria sob dominação da Indonésia. A independência ganhou por ampla maioria.

O desafio é conseguir instituir e manter a democracia. Pelo cronograma dos líderes políticos, em agosto deverão ser realizadas as eleições e em seguida será constituído o parlamento. Mas há a permanente insegurança causada pelas milícias pró-Indonésia contrárias à independência timorense.

Línguas – São 38 línguas faladas na região, embora seja possível manter diálogo em inglês e tetum, o dialeto local. O bahasa indonésio e o português também são comuns, mas com características próprias. Ao visitar a universidade, a primeira-dama Ruth Cardoso foi recepcionada com a seguinte faixa de boas-vindas: “Bemvinda, senhora primeira-dama do Brazil (com “z”) Ruth Cardoso à Universidade Nacional do Timor Loro Sae (Timor do Sol Nascente em bahasa)”.

“Não há como fugir, o Timor é assim”, definiu o bispo Ximenes Belo, admitindo a dificuldade de implantar o português como idioma oficial. Segundo ele, o inglês está mais próximo, o português é a língua sentimental, o bahasa indonésio é histórico e o tetum (língua local) é a identificação natural do povo. (R.G.)